

2ª aula

O ovo cósmico e o cataclismo inicial

Vou apresentar aqui, resumidamente, como alguns grupos indígenas contam a origem do universo: os dessanas do alto rio Negro (fronteira Brasil-Colômbia), os iecuanas da fronteira Brasil-Venezuela, os pirahãs do médio Madeira, os araras e os arauetés do médio Xingu.

Dessana do alto rio Negro

Para apresentar a origem do Universo conforme os dessanas, vou usar o livro escrito por dois membros desse grupo indígena, Umúsin Panlõn Kumu e Tolamã Kenhíri, *Antes o Mundo não Existia*, publicado pela primeira vez pela Livraria Cultura Editora (São Paulo, 1980), com o incentivo e apoio de Berta Ribeiro, que escreveu a Introdução, e republicado posteriormente pelo Instituto Socioambiental. Em suma, vou resumir o primeiro capítulo, “Como apareceu *Yebá bëló* do nada” (pp. 49-58).

A princípio não havia nada e as trevas cobriam tudo. Uma mulher, *Yebá bëló*, se fez a si mesma a partir de seis coisas invisíveis: bancos, suportes de panela, cuias, cuias de *ipadu* (coca), pés de maniva e cigarros. Na sua morada de quartzo, enquanto mascava *ipadu* e fumava cigarro, começou a pensar em como deveria ser feito o mundo. Seu pensamento começou a tomar forma de uma esfera, culminando com uma torre. A esfera incorporou a escuridão. Ainda não havia luz, a não ser no compartimento onde estava a mulher, que era todo branco, de quartzo.

Voltou a mascar *ipadu* e a fumar cigarro, então invisíveis, tirou o *ipadu* da boca e o transformou em homens, os cinco trovões, imortais, e deu a cada um deles um compartimento na esfera. Na extremidade da torre ficava um morcego de asas enormes. Esses compartimentos tornaram-se casas, e só neles havia luz, como no compartimento de *Yebá bëló*. Esta encarregou os trovões de fazerem o mundo, criarem a luz, os rios e a futura humanidade.

A casa do primeiro trovão ficava no sul. A do segundo, no leste, na cachoeira Tunuí, no rio Içana. A do terceiro ficava no alto; nesta é que ficavam as riquezas, os enfeites de dança, mágicos, para formar a futura humanidade. A casa do quarto trovão ficava a oeste, no rio Apaporis. A do quinto, no norte, na cabeceira.

Os trovões só fizeram os rios, mas não conseguiram fazer a luz e nem a humanidade. Então *Yebá bëló* resolveu fazer um outro ser. Mascou *ipadu* e fumou cigarro e da fumaça deste fez surgir um ser invisível, *Ēmëko sulã*

Palāmin, e deu-lhe a ordem de fazer as camadas do universo e a futura humanidade.

Erguendo seu bastão-chocalho, *Yebá bĕló* elevou *Ĕmĕko sulān Palāmin* até a torre do grande morcego. Colocando enfeites masculinos e femininos na ponta do bastão nessa torre, fez a ponta assumir um rosto humano, que deu luz até os confins do mundo; era o Sol que acabava de ser criado.

Com exceção do terceiro, os trovões ficaram enciumados com o poder de *Ĕmĕko sulān Palāmin*. Este, percebendo que eles queriam destruir sua obra, apaziguou-os com oferta de *ipadu* e cigarros, que eram seu alimento.

Yebá bĕló tirou do seio esquerdo sementes de tabaco e as espalhou sobre esteiras para formar a terra. Depois tirou leite do seio direito e espalhou em cima, para adubá-la. Subindo por seu bastão invisível, na direção da casa do terceiro trovão, *Ĕmĕko sulān Palāmin* cortou a terra e o espaço em camadas sucessivas. O quarto de *Yebá bĕló* fica abaixo de todas as camadas. No segundo patamar, não se sabe o que existe. A terceira camada é a superfície da terra. A quarta é o firmamento. Acima dela, fica a casa do terceiro trovão.

Foi para a casa do terceiro trovão que se dirigiu *Ĕmĕko sulān Palāmin*. Ao abrir a porta, apareceu *Ĕmĕko mahsān Boléka*, o chefe dos dessanas, que seria como um irmão. Os dois entraram na casa. Saudados de longe pelo terceiro trovão, foram primeiro recebidos pelo cigarro dele, depois pelo seu *ipadu*, em seguida pelo *ipadu* de tapioca. Uma vez que soube para que vinham, o terceiro trovão disse que lhes daria as riquezas que procuravam e aproximou-se para recebê-los.

O terceiro trovão estendeu a esteira, apertou a barriga e de sua boca saltaram diversas riquezas sobre a esteira. Eram enfeites. Cada par de enfeites representava um homem e uma mulher. O trovão ensinou o rito para transformá-los em seres humanos. No mesmo instante as riquezas se transformaram em gente; deram uma volta na casa e voltaram a se transformar em riquezas, que futuramente viriam a constituir a humanidade. O trovão recomendou que procedessem assim quando fossem colocar as casas de transformar gente.

O trovão recomendou então que cada um colhesse uma folha nova de *ipadu* de um pé que havia no pátio e a engolisse. Quando sentissem dor na barriga, deveriam acender o turi (madeira produtora de fogo), molhá-lo numa cuia d'água e beberem o conteúdo, em seguida vomitarem em um só buraco do rio. Assim fizeram os dois heróis e apareceram duas mulheres muito bonitas. Então *Ĕmĕko sulān Palāmin* disse a seu irmão *Ĕmĕko mahsān Boléka* para puxá-las para fora da água. O segundo assim fez, dizendo: “Minhas filhas!”. O vômito deles era como um parto que fez surgir as primeiras mulheres. Os dois heróis as levaram à casa do terceiro trovão, que verificou que eles sabiam fazer as coisas direito. E decidiu acompanhá-los para ajudá-los a formar a futura humanidade.

A formação da humanidade segundo os dessanas ficará para a aula seguinte. É só depois da criação da humanidade que o mito faz menção a três destruições que ela sofreu.

A primeira destruição foi pelo fogo e está descrita no capítulo VIII do mesmo livro; foi motivada pelo descontrole da fogueira onde se queimou o herói *Guelamum yé*. Uma vez queimado e esfriado o mundo, a humanidade ressurgiu de repente e o encheu de novo. No local onde o herói foi queimado, surgiu a palmeira paxiúba, da qual são feitas as flautas sagradas.

A segunda destruição também foi pelo fogo e está descrita no capítulo X. Deveu-se à queima do herói *Nungu yé*. Depois dela a humanidade renovou-se outra vez.

A terceira destruição foi causada por uma inundação, provocada pelo Criador, *Noagmãn*, para destruir onças e cobras que dizimavam a humanidade. Está descrita no capítulo XI. Como *Sen pinlun*, o encarregado de efetuá-la, ultrapassou as medidas, as águas subiram mais do que o planejado. Um verão muito forte fez as águas secarem, que por sua vez pegaram fogo, iniciando mais um grande incêndio. Uma chuva lavou o carvão, a mata se recuperou e a humanidade tornou a surgir.

Antes dessas três grandes destruições, a humanidade foi dizimada também pelas andanças do herói *Ëmëkho mahsãn Boléka* e o seu séquito de onças, como está descrito no capítulo IV.

Araras, da bacia do Xingu

No livro *Ieipari* (São Paulo: Hucitec e Anpocs, Curitiba: Editora UFPR, 1997), Márnio Teixeira Pinto apresenta, no 2º capítulo, na pp. 133-139, como os araras contam os primórdios da humanidade.

No começo havia somente o céu e a água que o cercava. Uma casca separava o céu da água e servia de chão para seus habitantes. Os seres humanos, então estrelas, presididos pela divindade *Akuanduba*, aí viviam apenas a fazer coisas simples e boas: comer, beber, namorar e dormir. Quando havia excessos, a divindade, tocando uma flauta, chamava a atenção de todos e os trazia à boa ordem.

Do lado de fora da casca, na água, havia somente seres atroz e maléficos.

Um dia, porém, houve uma grande briga motivada por roubo e/ou egoísmo e, por mais que *Akuanduba* tocasse a sua flauta, não conseguia apaziguar aqueles que teimosamente insistiam em pelejar. Tanto fizeram que a casca do céu se rompeu e todos foram lançados na água.

Velhos e crianças morreram afogados ou com o choque da queda. Uns poucos homens e menos ainda mulheres sobraram. As aves psitacídeos levaram alguns de volta para o céu, onde voltaram a ser estrelas. A própria Lua, que havia despencado, foi levada de volta a muito custo por uma curica que, depois de tão grande trabalho, bicou um canto do astro, cuja marca ainda hoje se vê de certo ângulo, proporcionado pelo movimento dos pedaços de casca do céu que flutuam nas águas, habitados pelos homens. Ainda hoje os índios araras, o “povo das araras”, ainda assobiam para essas

aves quando passam aos bandos. Elas, porém, achando-os grandes demais, nem tentam levá-los.

Os seres maléficos que já existiam nas águas antes da catástrofe se transfiguraram nos índios hostis aos araras (caiapós, jurunas, xipaias, assurinis e quiçá os mundurucus) Outros seres apareceram, que penetram o corpo humano para comer-lhe ou queimar-lhe as entranhas. A própria divindade se transformou na terrível onça preta e também se manifesta sob a forma de outros felinos. A classificação dos seres conforme os araras, nas pp. 136-7, não foi apresentada de modo sistemático de modo a possibilitar o ordenamento completo dos seres distinguidos no mesmo capítulo.

O bicho-preguiça minorou a desgraça dos humanos. Ensinou-lhes a primeira festa, destinada a trazer-lhes novos filhos, a fazer flautas, a cantar, a tecer fibras de algodão e palhas, e povoou a mata com animais comestíveis. Da lontra os araras roubaram o fogo.

O bicho-preguiça, tendo encomendado uma festa aos araras, acabou por zangar-se, porque a bebida, que ele mesmo consumira em grande quantidade, havia terminado. Voltou sozinho para a floresta e perdeu tudo o que tinha. Envelheceu e morreu, indo para o que restou dos céus, lugar que aguarda também os humanos após a morte.

Pirahãs, da bacia do Madeira

No livro *O Significado do Nome* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993), Marco Antonio Gonçalves diz que, para os pirahãs, o universo é constituído de cinco patamares, sendo o do meio o chão em que vivemos. No início, o patamar imediatamente acima deste chão ficava bem mais próximo e a Lua aparecia bem baixinha. Uma noite um homem subiu a uma árvore e atirou uma flecha contra a Lua, atingindo-a. O sangue da Lua começou a jorrar, esgotou-se e ela acabou. O céu começou a desabar e os homens cortaram compridos troncos para escorá-lo, o que conseguiram, mas não puderam evitar a escuridão. Os animais da floresta se aproximaram dos pirahãs, que, com medo, passaram a morar no alto das árvores. Os rios secaram, os animais começaram a morrer de sede, e os pirahãs só obtinham água de um cipó e comiam apenas uma espécie de cobra que vive na lama. *Igagai*, o ser supremo, passou a jogar-lhes animais do patamar superior. Como não acertasse jogar os peixes nos rios, encarregou o boto de criá-los. *Igagai* fez uma nova lua e também fez um buraco no patamar superior para que a água corresse para este chão.

Os pirahãs brigavam muito com outros índios da região, de modo que todos os seus homens acabaram e só restaram três mulheres. *Igagai* lhes deu a fruta sorvinha para engravidarem e terem filhos homens. Estes nasciam sem pênis e *Igagai* lhes fez pênis de palha. Atendendo ao clamor das mulheres, que só comiam cru, *Igagai* lhes deu o fogo.

Iecuanas, da fronteira Brasil-Venezuela

No livro *Watunna*, coleção de mitos dos índios iecuanas (ou maquiritares, maiongong ou, como eles mesmos se chamam, sotos) organizada por Marc de Civrieux (San Francisco: North Point Press, 1980; tradução editada para o inglês por David Guss

do original espanhol publicado em Caracas: Ávila Editores, 1970), a narrativa dos tempos primordiais é bastante longa.

Quero apenas pôr em destaque aqui um episódio do mito. O criador, *Wanadi*, no céu, enviou à terra sucessivamente, seres também chamados *Wanadi*, que eram outras formas de seu próprio espírito.

O primeiro *Wanadi* enviado trouxe conhecimento, tabaco, maracá e cristal de quartzo. Fumou, cantou e fez o antigo povo. Mas, erradamente, ele enterrou a placenta do espírito (não esclarecido, seriam os primeiros seres humanos?) que nasceu, que por isso foi comida pelos vermes e apodreceu. Dela nasceu *Odosha* (também chamado *Kahu* ou *Kahushava*), uma criatura humana feia, má, invejosa e coberta de pelos como um animal. Por causa de *Odosha* existe a fome, a doença, a guerra e a morte. *Odosha* ensinou os primeiros homens a matar seus semelhantes, e por isso foram punidos, transformando-se em animais. *Wanadi*, tendo a sua criação assim prejudicada, teve de voltar ao céu.

O segundo *Wanadi* enviado à terra queria mostrar que a morte era uma ilusão. Ele trouxe do céu *Huehanna*, que era uma enorme bola oca com uma casca grossa e dura como pedra. Oriundos de seu interior se ouviam ruídos, palavras, cânticos, risos, gritos. Ela estava cheia de gente, que conversava, feliz, porque ia nascer. *Wanadi* ia abri-la. Mas temia que *Odosha* matasse esses novos seres. Por isso, *Wanadi* já havia experimentado matar e ressuscitar sua própria mãe, que aliás ele próprio criara, usando tabaco e sonhando, para averiguar se tinha poder contra a morte. Ele havia matado mãe novamente, e sepultado. Quando ela começasse a levantar-se da sepultura, *Huehanna* se abriria e a humanidade nasceria. Porém, na ausência de *Wanadi*, *Odosha* convenceu o ajudante daquele, que viria a ser um macaco cebídeo branco, a abrir a bolsa dele, de onde saiu a noite. Aproveitando-se do escuro, *Odosha* entregou sua urina a um ajudante seu e mandou que com ela regasse o corpo da mãe de *Wanadi*, que começava a sair da terra. Essa urina queimou e desmembrou o corpo, impedindo que revivesse. *Odosha* ainda tentou quebrar a grande bola onde estava a futura humanidade, para matá-la, mas não conseguiu. *Wanadi* então resolveu não abrir *Huehanna* e levou a grande bola para o monte *Waruma*. Ela somente se abrirá quando desaparecer o mal da terra e *Odosha* morrer.

Será a partir do terceiro *Wanadi* enviado à terra que alguns seres humanos começarão a existir seja criados por ocasião da construção das casas, seja recuperados a partir dos animais em que haviam se transformado aqueles que o primeiro enviado havia feito surgir. O terceiro enviado é que fará surgir o Sol, a Lua e as estrelas, debelando a escuridão permanente em que estava mergulhada a terra, uma vez que ela já não recebe luz direta do *Wanadi* primordial que está no ápice dos céus.

Arauetés, do médio Xingu

Eduardo Viveiros de Castro, no seu livro *Araweté — Os deuses canibais* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, São Paulo: ANPOCS, 1986) faz uma descrição da gênese e da forma do universo conforme os arauetés (pp.184-96).

Segundo os arauetés, além da superfície em que vivemos, há duas camadas celestes e uma subterrânea. Essa disposição teve início quando um marido indignado por um insulto da esposa, pôs-se a cantar, fumando e sacudindo o chocalho de xamã. Desse modo o solo de pedra se ergueu e formou a abóbada celeste. Uma parte dos habitantes desta superfície subiram, e vieram a se tornar os deuses. Outros subiram ainda mais e foram morar num patamar mais alto, o céu vermelho. A terra, privada das pedras, dissolveu-se nas águas e os moradores que nela permaneceram foram devorados por uma piranha e um jacaré gigantescos. Apenas dois homens e uma mulher que subiram numa bacabeira sobreviveram. Outros moradores submergiram e se tornaram habitantes do mundo inferior, nas ilhas de um grande rio.

Apenas um sol ilumina os diferentes patamares, mas cada qual tem suas estrelas e sua lua. A Lua, pelo menos a que ilumina o chão em que vivemos, é um ser masculino que fez menstruar as mulheres por ter copulado com elas; o sangue delas ainda se vê no seu ocasional halo vermelho. Além disso, a Lua não é perene; suas fases retratam uma diminuição que sofre até acabar, pois é retalhada a machado por um espírito feminino. Um caminho sai da aldeia, na direção leste até o horizonte, onde toca a primeira camada superior, subindo-a até o centro. É o caminho percorrido pelos xamãs, pelos deuses quando vêm à terra, pelas almas dos mortos que já se transformaram em deuses. Outro caminho vai da aldeia até o oeste, onde toca o primeiro céu, e leva até à margem do mesmo. É o caminho percorrido pelas almas daqueles que acabam de morrer.

O aumento do número de mortos tornará a primeira camada celeste cada vez mais pesada e ela terminará por desabar, matando muita gente e restabelecendo a indiferenciação entre viventes, almas dos mortos divinizadas e deuses oriundos da catástrofe anterior.